Reflexões sobre o desenvolvimento de habilidades argumentativas de alunos do ensino superior

Reflections about the development of argumentative skills of undergraduate students

Maysa De Pádua Teixeira*

Resumo

Com fundamento em uma visão interdisciplinar do processo ensino-aprendizagem, o presente trabalho se propõe a apresentar algumas reflexões teórico-metodológicas acerca do desenvolvimento de habilidades argumentativas em alunos de graduação, a fim de oferecer contribuição a estudiosos e professores do Ensino Superior. Para isso, apresenta o relato de um estágio de docência realizado junto a uma turma de alunos do curso de graduação em Serviço Social da PUC Minas. Salienta-se que tal estágio teve lugar no interior de um amplo projeto de oficinas de leitura e produção de textos que vem sendo desenvolvido por docentes do curso de Letras da PUC Minas, com vistas à abordagem da leitura, da escrita e dos conhecimentos linguísticos no meio acadêmico.

Palavras-chave: Oficina; Argumentação; Leitura; Escrita.

Apresentação

Nos dias atuais, torna-se imperioso que os egressos dos diversos cursos de graduação, oferecidos por universidades públicas e privadas, detenham um amplo arsenal de conhecimentos e habilidades. É essa a orientação

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas, bolsista CAPES.

encontrada, de uma maneira geral, nos Projetos Pedagógicos que norteiam as ações e decisões tomadas no âmbito das instituições de Ensino Superior, ao definirem as concepções pedagógicas, metodológicas e estratégicas para as práticas de ensino desenvolvidas em seus domínios.

Em consonância com essa nova realidade, considera-se, atualmente, que um dos principais objetivos do Ensino Superior é formar profissionais dotados de competências para atuar em um mercado dinâmico, competitivo e industrializado. Por isso, os cursos são organizados de acordo com uma filosofia que privilegia uma visão sistêmica, holística e interdisciplinar do ensino, a qual os alunos devem ser motivados a realizar pesquisas, redigir textos acadêmicos, participar de projetos e estágios supervisionados. Decorre daí a necessidade de desenvolvimento da habilidade de produção e interpretação de textos argumentativos.

Com fundamento nessa visão sistêmica, holística e interdisciplinar, o presente trabalho se propõe a apresentar algumas reflexões teórico-metodológicas acerca do ensino da argumentação para alunos de graduação, com vistas a oferecer a estudiosos e professores, contribuição, ainda que preliminar, para a sua prática em sala de aula. Para isso, apresenta o relato de uma prática empreendida pela autora no primeiro semestre letivo de 2008, junto a uma turma composta por alunos do curso de graduação em Serviço Social da PUC Minas, campus Coração Eucarístico.

Tal prática teve lugar no interior de um amplo trabalho desenvolvido por docentes e discentes do curso de Letras da PUC Minas, que é o projeto Oficinas de Leitura e Produção de Textos. Esse projeto tem como enfoque temático a abordagem da leitura/escrita e dos conhecimentos linguísticos em línguas portuguesa e inglesa, visando à construção do conhecimento no meio acadêmico, assim como o levantamento de dados para o desenvolvimento de pesquisas.

As oficinas destinam-se a alunos dos cursos de graduação e, havendo condições de recursos humanos e de infra-estrutura, são também oferecidas vagas a pessoas da comunidade, que tenham como objetivo a proficiência na leitura e escrita.

No Projeto Integrado elaborado pelos professores-coordenadores, observa-se que a proposta apresenta duas linhas de justificativa. A primeira delas relaciona-se à superação de dificuldades enfrentadas pelos alunos no que se refere à leitura e produção de textos em língua portuguesa e às quatro habilidades em língua inglesa, que são leitura, escrita, fala e compreensão oral. A segunda linha de justificativa gira em torno da possibilidade de formação de grupos de pesquisa que, desenvolvendo reflexões sobre fundamentação teórica, mantenham-se a par de categorias e procedimentos teórico-metodológicos já elaborados ou em elaboração.

Do ponto de vista pedagógico, é importante considerar a possibilidade de aplicação do conhecimento científico-acadêmico produzido a partir dos processos de letramento e de retextualização, em função da demanda dos alunos ingressantes na universidade.

Como objetivo geral, o Projeto adota as práticas de leitura/escuta, fala/escrita e análise de textos, de forma sistemática, a fim de viabilizar o desenvolvimento de habilidades de compreensão e de produção textual e fazer acompanhamento e avaliação das atividades realizadas nas oficinas.

O Projeto Integrado prevê ainda que osicineiros serão selecionados, como monitor ou como estagiário, a partir da avaliação do desempenho no semestre anterior, da indicação de alunos do curso de Letras e da indicação do Programa de Pós-graduação em Letras que tenham condições de atuar nas oficinas, considerando-se os objetivos para elas traçados. A autora do presente trabalho se enquadra nesse último item, ou seja, é uma aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras e encontrava-se em fase de realização de Estágio de Docência, conforme exigência da CAPES para alunos contemplados com bolsas de fomento. Nessa condição, ingressou no Projeto como monitora de uma turma do módulo Leitura e Argumentação.

Além das atividades em classe, o Projeto determina que sejam realizadas reuniões periódicas entre professores-coordenadores eicineiros, a fim de acompanhar a condução das atividades, fazer os ajustes necessários e desenvolver grupos de estudos e/ou seminários.

A seguir, esclarecemos qual a concepção teórica de Argumentação que pautou nosso trabalho na oficina, desde a elaboração dos planos de aula até a forma como foram realizadas as atividades de leitura, discussão e produção textual na sala de aula.

Considerações sobre argumentação

Os estudos sobre argumentação se desenvolvem em um campo complexo, vasto e aberto aos influxos de uma multiplicidade de disciplinas, o que torna necessário esclarecer em que sentido compreendemos o termo nos limites do trabalho nas oficinas.

No campo da Retórica clássica, ao qual nos filiamos, a argumentação é concebida como o ato de destinar a palavra a um auditório, submetendo a ele teses não necessariamente verdadeiras, mas verossímeis e razoáveis. Segundo Reboul (2000), essa característica da argumentação retórica se justifica porque interessa a ela o que faz parte do humano e não da lógica. O que resulta do homem é sempre da ordem do verossímil, do opinável, e raramente pertence à verdade demonstrável ou demonstrada.

Nesse território onde a verdade absoluta não pode ser garantida, a retórica encontra seu lugar, permitindo ao homem desenvolver raciocínios e comunicar-se com segurança relativa, garantida por normas mínimas de racionalidade. Por isso, ela é exercitada em todos os domínios, os quais se definem com liberdade para se chegar a uma decisão, não com fundamento em uma verdade absoluta, mas sobre o que é razoável.

Inspirado pelos postulados da Retórica, Perelman (1999) defende que argumentar é apresentar razões plausíveis para que o outro concorde com as teses que lhe são submetidas e comporte-se da maneira como a aceitação dessas teses prescreve. Assim, argumentar é, fundamentalmente, agir sobre a razão e o comportamento do outro.

Nessa perspectiva, a argumentação é tratada em sua vertente filosófica, com foco na compreensão do mecanismo do pensamento, o que justifica uma maior preocupação com a estrutura dos raciocínios. Em outras palavras, aqui interessa menos o desenrolar de um debate do que os esquemas argumentativos nele empregados. O objeto de análise, portanto, está focado nos recursos discursivos para se obter a adesão dos espíritos, com ênfase na técnica que utiliza a linguagem para persuadir e convencer.

Esses recursos implicam, basicamente, a execução de duas formas de raciocínio. A primeira é a indução, um raciocínio que caminha do particular - fatos/dados - para se chegar a uma conclusão ou generalização. A segunda é a dedução, raciocínio que parte de uma verdade estabelecida e geral, para provar a validade de um fato particular. A formulação dos tipos de argumentos, de acordo com a tipologia organizada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), se dá no interior dessas duas formas de raciocínio. Entre vários outros, podem ser citados como tipos de argumentos a ilustração, a analogia, o exemplo, a regra de justiça, o argumento de autoridade, a definição, a prova concreta e assim por diante.

Da teoria da argumentação de procedência perelmaniana, interessam especialmente as categorias de orador, auditório, acordo, valores, hierarquias e técnicas argumentativas, que são processos de ligação e de dissociação de elementos, a fim de atribuir a tais elementos uma valoração positiva ou negativa. Essas categorias são importantes porque constituem os fundamentos do raciocínio argumentativo. Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) abordam essas categorias em sua dimensão social, da qual são ao mesmo tempo produto e produtoras.

Para produzir uma argumentação eficaz, o orador deve possuir o conhecimento efetivo daqueles que pretende persuadir, pois, dessa forma, terá condições de mobilizar mais adequadamente os recursos de que dispõe para produzir um discurso na medida do que anseiam os alocutários. Segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) uma imagem imprópria do auditório, resultante da ignorância ou de um discurso inesperado de circunstâncias, pode ter conseqüências desagráveis.

Entretanto, essa relação entre orador e auditório não é tão direta quanto pode parecer à primeira vista, pois a interação entre esses sujeitos se efetua necessariamente por meio da imagem que fazem um do outro: é a representação que o orador faz do auditório e, reciprocamente, a representação que o auditório faz do orador, que modelam a empresa da persuasão. Ressalta-se que se trata de representações, de imagens que circulam no discurso, não de pessoas reais.

Abreu (2003) também foca seus estudos na dimensão retórica da argumentação. Em seus trabalhos, retoma os temas desenvolvidos por Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), buscando tornar seus conceitos mais simples e didáticos, por meio da apresentação de exemplos concretos de como a argumentação é empregada no dia-a-dia.

Emediato (2004), a partir de Charaudeau (1992 e 1998), elabora uma síntese do processo argumentativo, na qual estão presentes os principais elementos de uma interação argumentativa. No quadro proposto pelo autor, destacam-se os seguintes elementos:

- uma afirmação – proposição, tese - sobre o mundo/um objeto do mundo que seja importante para alguém e cuja legitimidade possa ser sujeita a controvérsia;
- um quadro de problematização, introduzido pelo sujeito que argumenta e que orienta a perspectiva na qual ele insere o problema levantado em sua tese;
- um locutor que se engaja em relação a um questionamento e desenvolve um raciocínio problematizador, para tentar estabelecer uma verdade sobre a sua afirmação;
- um interlocutor que, interessado pela discussão, questionamento e verdade, constitui o alvo da argumentação.

Dessa forma, infere-se que a argumentação pressupõe uma tese defendida por um locutor e outra tese adversária da primeira, chamada de antítese.

No que diz respeito às marcas linguísticas da argumentação, Koch (1996) destaca o papel dos operadores argumentativos, que encadeiam os enunciados e estruturam-nos em textos, determinando sua orientação

discursiva. De acordo com a autora, além de relacionar o conteúdo de duas proposições, eles introduzem explicações, justificativas, razões relativas aos atos e enunciação anteriores.

Koch (2003) elabora uma listagem dos principais operadores argumentativos, entre os quais citamos:

- operadores que sinalizam argumento mais forte de uma escala: “mesmo”, “até mesmo”, “até”, etc.;
- que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão: “e”, “também”, “ainda”, etc.;
- que introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores: “logo”, “portanto”, “assim”, etc.;
- que sinalizam relações de comparação entre elementos, com vistas a uma dada conclusão: “mais que”, “menos que”, etc.;
- que introduzem uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior: “porque”, “já que”, “uma vez que”, etc.;
- que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias: “mas”, “porém”, “no entanto”, etc.;
- que sinalizam argumentos que se distribuem em escalas opostas: “ora”, “seja... seja”, “quer... quer”, etc.

Argumentação e ensino

Freitas (2006), em seu artigo que resultou de uma pesquisa sobre a construção do discurso argumentativo em textos produzidos por graduandos de uma universidade pública federal do interior de Minas Gerais, observou uma falha generalizada no emprego das Técnicas Argumentativas apontadas por Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), assim como na utilização dos Operadores Argumentativos.

A pesquisadora chama a atenção para aspectos que ela nomeia como: uso restrito e, por vezes, deficiente de operadores argumentativos; construções textuais argumentativas incoerentes; emprego de argumentos de pouca força argumentativa, baseados no senso comum, na autoridade de quem os proferiu e na crença popular, passíveis, portanto, de contestação; falta de competência linguística adequada a esse contexto de produção; desconhecimento, por parte dos graduandos, de práticas textuais. Decorre dessas deficiências a observação de que os textos produzidos por eles não informam, não progridem e apresentam incoerências diversas.

A autora atribui esses problemas ao modelo de ensino preconizado nas escolas de ensino médio e fundamental até bem recentemente, no qual, salvo exceções, coesão e coerência textuais, bem como a prática de produção e interpretação de textos, não recebiam a mesma importância dispensada à gramática da língua. Neste modelo que privilegia o ensino da gramática da língua desconectada de suas condições sociais de produção e uso, os conectores não são estudados dentro do texto, segundo o valor que assumem quando utilizados, o que dificulta seu uso adequado em situações reais de interação.

Para Coscarelli (2007) a escrita deve ser tão instigadora que cause no interlocutor as reações que ele, o autor, deseja. Para isso, é preciso definir seu público-alvo, seu objetivo ou a finalidade do texto, sobre o que vai escrever e onde o texto vai circular. A não-identificação desses elementos, por parte do aluno, parece ser também um elemento responsável por seu fraco desempenho na escrita de textos argumentativos. É nesse sentido, que Freitas (2006) defende que é possível que os problemas relativos à argumentação e estruturação textual no *corpus* analisado, originam-se da falta de um objetivo específico por parte dos escritores, como não pretender de fato persuadir alguém. A verdadeira intenção seria a de preencher espaços, com a finalidade de cumprir com as normas do programa e de obter a nota esperada. Caso o principal objetivo dos textos redigidos por eles seja atender a proposta de um professor ou professora, isso está aquém do que é esperado, que é dar uma opinião consistente, querer convencer alguém sobre algo e de modificar

concepções. Sem a intenção de se atingir um leitor específico, não é esperado que se utilize frequentemente e com a devida habilidade os marcadores usados para assinalar a força argumentativa.

De uma maneira bastante geral, esse foi o panorama encontrado na literatura acerca do ensino da habilidade de construção textual do discurso argumentativo de alunos do ensino superior. O próximo tópico, relata uma experiência prática, vivenciada na condução do módulo Leitura e Argumentação, do Projeto Oficinas.

Relato de uma prática de docência nas Oficinas de Leitura e Produção de Textos

O módulo Leitura e Argumentação

Inscrito no contexto mais amplo do Projeto Oficinas de Leitura e Produção de Textos, o módulo Leitura e Argumentação foi criado para atender a uma demanda oriunda da coordenação da Escola de Serviço Social da PUC Minas, campus Coração Eucarístico.

Seu público-alvo é composto de alunos de 1º a 8º períodos do curso de graduação em Serviço Social.

O módulo se propõe a promover habilidades argumentativas, com a introdução de noções teóricas e práticas sobre Argumentação, por meio de atividades de leitura e escrita de textos acadêmicos da área de Serviço Social, sem deixar de contemplar também textos de outros domínios, como o jornalístico, o publicitário, etc. Nesse sentido, constituem objetivos do módulo:

- apresentar aos alunos noções gerais sobre argumentação;
- refletir sobre as estratégias argumentativas utilizadas nos textos, a fim de habilitar os alunos a identificar textos argumentativos, a

reconhecer argumentos favoráveis ou contrários a uma tese e a estabelecer relações lógicas entre enunciados;

- habilitar os alunos a interpretar textos argumentativos;
- desenvolver nos alunos a habilidade de produzir textos argumentativos de diversos domínios e, mais especificamente, textos da área de Serviço Social;
- aprimorar a capacidade dos alunos quanto à percepção/mobilização de estratégias linguístico-discursivas e argumentativas dos textos.

Em uma sondagem prévia realizada com a turma atendida pela oficina, constatou-se que as expectativas do grupo em relação ao módulo giravam em torno do desenvolvimento da habilidade de escrita. Houve um consenso quanto ao desejo de melhoria na capacidade de produção de textos acadêmicos, tendo em vista a demanda do próprio curso, especialmente a monografia de conclusão.

Por fim, é conveniente esclarecer que, no processo de concepção dos objetivos e atividades da oficina descrita, adotou-se uma linha de pensamento, a qual o desenvolvimento e a compreensão de raciocínios argumentativos seriam privilegiados em relação à aquisição da parte material do processo. Isso equivale a dizer que se preocuparia em primeiro lugar com as formas de se pensar argumentativamente, para depois abordarem-se as marcas linguísticas da argumentação de maneira mais pontual. Dessa forma, embasou-se a preparação de todo o material didático na Teoria da Argumentação, de Perelman e seus colaboradores, complementada pelos estudos da argumentação de Reboul (2000), Koch (1996 e 2003), Emediato (2004) e Abreu (2003), entre outros.

Atividades desenvolvidas

As aulas, em número de 10 e com duração de 60 minutos cada, foram planejadas seguindo um padrão de breve exposição teórica aliada à realização de um exercício prático.

A Aula 1 foi destinada à introdução a aspectos teóricos da argumentação. Houve a exposição de slides em *power point*, apresentando as várias interfaces desse campo complexo do pensamento, como a dialética, retórica, sofística, erística e conceitos básicos - definição de argumento, de persuasão e convencimento, orador, auditório, acordo e lugares comuns. Apresentou-se um roteiro de leitura retórica de textos, e ao final, os alunos foram convidados a aplicar oralmente esse roteiro de leitura a peças publicitárias, charges e quadrinhos, também exibidos no *power point*.

O objetivo da aula foi o de demonstrar aos alunos que a argumentação está inscrita em um campo teórico muito mais complexo do que se imagina em termos de senso comum e que, no decorrer da oficina, pretendia-se que eles deixassem o conhecimento superficial e adentrassem nessa complexidade.

Propôs-se, como tarefa, que os alunos elaborassem uma carta argumentativa, contando a um colega quais seriam as suas expectativas em relação à oficina, com vistas a convencê-lo a também se inscrever.

As aulas 2 e 3 foram de leitura, discussão e análise de um texto sobre a temática “Inclusão Social”, selecionado por tratar de uma área de interesse dos profissionais do Serviço Social. Após amplo debate, em que os alunos foram incentivados a manifestar oralmente suas opiniões relativas aos pontos de vista defendidos no texto, apresentou-se um roteiro de estudo dirigido composto de questões a serem respondidas por escrito, a fim de que os alunos tivessem uma compreensão global da estrutura de um texto argumentativo, além de se promover a sedimentação das informações teóricas obtidas no encontro anterior.

As aulas 4 e 5 foram de leitura e reflexão sobre a temática da “Redução da Maioridade Penal”. Apresentou-se inicialmente o estado da arte no Brasil,

ou seja, como era a legislação naquele momento e como ela ficaria se fosse alterada conforme propostas que tramitavam no Legislativo. Outras informações foram trazidas a respeito da questão em outros países, como EUA, Japão, Canadá e Inglaterra. Também foram apresentadas opiniões de diversos profissionais sobre o tema, como psicólogos, juízes, promotores, advogados, sociólogos e educadores. Os alunos foram incentivados a apresentar seus pontos de vista e a debater com os demais a fim de persuadi-los, na melhor tradição retórica.

Findo o debate oral, propôs-se que eles construíssem um texto argumentativo, posicionando-se favorável ou contrariamente à redução da maioria penal, com base nos argumentos trazidos pela monitora e em outras informações prévias que possuísem sobre o assunto.

As aulas 6 e 7 trataram da apresentação de noções teóricas básicas sobre Técnicas Argumentativas. Inicialmente, fez-se uma exposição oral sobre os tipos de argumentos, tendo como material de apoio um *power point* e um *hand out*, em que havia uma síntese do conteúdo dado.

Na verdade, o objetivo da aula era muito mais o de demonstrar as formas de se raciocinar com a finalidade de persuadir o outro, que o de ensinar aos alunos modelos classificatórios ou tipologias de argumentos. Por isso, apresentou-se uma classificação simplificada, em que os raciocínios foram sintetizados em apenas seis grupos: Argumento de Autoridade, Argumento por Causa e Consequência, Argumento de Exemplificação ou Ilustração, Argumento de Provas Concretas ou Princípio, Argumento por Indução e Argumento por Dedução.

Em seguida, os alunos receberam os textos que eles mesmos produziram na aula anterior sobre Maioridade Penal, para que analisassem sua estrutura argumentativa, identificando tese, argumentos e conclusão, e classificando os tipos de argumentos que foram utilizados.

A aula 8 foi dedicada à realização de um exercício bastante eclético, composto de duas partes que englobavam o conteúdo teórico de toda a Oficina.

Na primeira parte, havia dois fragmentos de textos publicados em um jornal local, abordando as cotas para negros nas universidades. Os alunos deveriam comparar os textos, apresentar um argumento convergente e um argumento divergente presentes nas opiniões dos dois redatores. Em seguida, manifestar a sua opinião a respeito da reserva de cotas para negros em universidades brasileiras e explicar a relação sintático-semântica estabelecida pelo conector “e” em dois excertos selecionados dos referidos textos.

Na segunda parte, havia outro texto, também publicado em um jornal, em que o autor falava sobre a diferença a cerca da inclusão social nos dias atuais, remetendo o leitor à discussão sobre o assunto. Os alunos deveriam resumir os principais atributos que levariam uma pessoa a ser rotulada como “diferente” e/ou “diferenciada” e, a partir dessa resposta, explicar uma ilustração proposta para o texto.

A aula 9 foi reservada para que a monitora desse um *feedback* aos alunos quanto aos trabalhos elaborados por eles durante a oficina. A monitora atendeu cada um individualmente e devolveu os materiais devidamente comentados e avaliados.

A aula 10 foi destinada à avaliação da oficina pelos alunos. Pediu-se a eles que escrevessem uma carta, refletindo sobre as seguintes questões: se as atividades propostas nas oficinas contribuíram para o aperfeiçoamento do seu processo de leitura e argumentação; como eles qualificariam o trabalho desenvolvido em relação à argumentação; se as questões abordadas no curso contribuíram para uma melhor compreensão da atividade de argumentar e quais os pontos positivos e negativos do módulo oferecido.

Nas cartas produzidas, os alunos afirmaram, em linhas gerais, que houve uma adequação entre o trabalho desenvolvido nas oficinas e as expectativas de cada um. Foram citados como pontos positivos a atualidade da temática abordada durante os encontros, a contribuição das atividades realizadas para ampliar a capacidade de leitura e compreensão de textos por parte dos alunos e a possibilidade de aplicação dessas habilidades na prática profissional, principalmente na elaboração de gêneros como relatórios, pareceres e outros. Como ponto negativo, foi apontado o pouco tempo para o

desenvolvimento das atividades, ou seja, os alunos consideraram 10 aulas insuficientes para tratar de todo o conteúdo que se propôs.

Discussões e resultados

Esclarecemos, inicialmente, que a presente discussão foi elaborada com base na avaliação das atividades desenvolvidas em sala de aula e dos textos produzidos pelos alunos ao longo do módulo Leitura e Argumentação, durante o primeiro semestre de 2008. Esse material está organizado em pastas e encontra-se disponível no arquivo do Projeto Oficinas de Leitura e Produção de Textos, assim como os planos de aula e os relatórios referentes à condução das atividades de monitoria.

De um modo geral, pode-se afirmar que o trabalho desenvolvido no Projeto Oficinas é muito eficiente na consecução dos objetivos propostos.

Mais especificamente, o estágio no Módulo Leitura e Argumentação foi fundamental para que começássemos a pensar o processo ensino-aprendizagem segundo uma concepção mais sistêmica, holística e interdisciplinar.

Por meio da avaliação dos trabalhos elaborados pelos alunos, constatamos que houve uma evolução, no decorrer dos encontros, quanto à percepção e mobilização de estratégias linguístico-discursivas e argumentativas dos textos. Em outras palavras, verificamos que, com a realização das atividades propostas, os alunos passaram a trabalhar com os argumentos de forma mais consistente e direcionada.

Contudo, notamos que as dificuldades na mobilização de estratégias argumentativas são parte de um problema maior, que é a dificuldade de leitura e produção de textos em geral. Nesse sentido, foram observadas falhas de ordem mais primária, como a dificuldade de estruturação de um texto dissertativo, de utilização dos recursos linguísticos, de organização dos argumentos elaborados em uma forma pré-definida de texto. Essa constatação

parece ser uma constante nos trabalhos de pesquisadores que se propõem a analisar a habilidade argumentativa de alunos do ensino superior. No mesmo sentido, o relato de Freitas:

Em várias situações, no entanto, os problemas verificados são de ordem primária: ou seja, não se trata meramente do uso específico de um operador ou de um argumento. As falhas são em nível mais profundo: correspondem a desconhecimentos de estrutura textual, linguísticos, sintáticos, semânticos e até mesmo pragmáticos. As falhas, ao que se percebe, provêm da má formação escolar do indivíduo: ele não se tornou um produtor de textos efetivamente; suas produções não comunicam, não informam, não apresentam coerência no todo. Em consequência disso, seus textos não convencem ou nem mesmo persuadem. (FREITAS, 2006, p. 1507).

Notamos ainda que as atividades de leitura são fundamentais para o desenvolvimento da habilidade de argumentar, pois o conhecimento prévio dos alunos sobre determinados assuntos, mesmo aqueles diretamente relacionados à área em que atuam, muitas vezes é superficial. À medida que adquirem bagagem teórica e amadurecimento no interior do curso de graduação, os acadêmicos apresentam condições de mobilizar argumentos de maneira mais efetiva.

Vale registrar também que as aulas de cunho teórico, em que se discutia a argumentação de forma metalinguística, despertaram a atenção dos alunos, ao contrário do que se esperava inicialmente. Nesse sentido, destacam-se as aulas em que foram trabalhados os tipos de argumento e sua identificação nos textos produzidos. Os alunos participaram das aulas ativamente, arriscaram classificar os argumentos e discutiram seus pontos de vista entre si e com a monitora.

O mais interessante, contudo, é chamar a atenção para a dinâmica de aula que se adota no modelo oficina, bastante diferente da ideia de sala de aula convencional. Na oficina, o monitor é estritamente um mediador do processo ensino-aprendizagem, porque ele conduz as atividades, promove debates, expõe conteúdos, mas, de forma alguma, concentra a fala em sua pessoa. Os alunos são convidados a interferir nas exposições o tempo todo, discutindo as ideias de igual para igual. Dessa forma, os encontros se tornam mais agradáveis, interativos e a aula transcorre em um ambiente de parceria e

confiança, o que nos parece muito produtivo para o trabalho com práticas textuais.

Abstract

Based on an interdisciplinary view of the teaching-learning process, this paper aims to present some theoretical and methodological reflections about the development of argumentative skills of undergraduate students, in order to contribute to the classroom practice of Higher Education specialists and professors. To that effect, it reports a teaching internship carried out with a group of undergraduate students majoring in Social Work at PUC Minas. It is important to mention that such internship was a major part of a comprehensive workshop-based project on reading and creative writing, which has been carried out by professors of the Language Department at PUC Minas, regarding academic reading, writing and linguistic knowledge approaches in academic spheres.

Key words: Workshop; Argumentative skills; Reading; Writing.

Referências

ABREU, Antônio Suarez. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. 6. ed. Cotia: Atelier, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. **Grammaire du Sens et de l'Expression**. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick. **L'argumentation n'est peut-être pas ce que l'on croit**. In: Revue Le français aujourd'hui, n.123, Association Française des Enseignants de français, Paris, 1998. Disponível em < <http://www.patrick-charaudeau.com/L-argumentation-n-est-peut-etre,74.html>>. Acesso em 01 nov. 2010.

COSCARELLI, Carla V. **Gêneros textuais na escola**. Juiz de Fora, *Veredas* (UFJF), v. 2, p. 5-19, 2007.

EMEDIATO, Wander. **A fórmula do texto**. Redação, argumentação e leitura. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

FREITAS, M. O. **Técnicas e operadores argumentativos em redações de universitários**. Uberlândia, *Revista de Estudos Lingüísticos*, v. 1, n.35, p. 1499-1508. 2006.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e Linguagem**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MAFRA, J. J.; LOPES, M. A. P. T.; PAULA E SILVA, M. M. de; ESPÍRITO SANTO, R. S. do; RIBEIRO, V. P. **Projeto Oficinas de Leitura e Produção de Textos**, PUC Minas, Belo Horizonte, 2006. (mimeo)

PERELMAN, Chaïm. & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: a Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PERELMAN, Chaïm. **Retóricas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.